

***METAMORFOSES* NA SALA DE AULA DO
ENSINO FUNDAMENTAL II: PRÁTICAS DE
LEITURA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO
LEITORA E LINGUÍSTICA**

Vitor Hugo Martins Gall Mayworm

Professora Dra. Fernanda Cunha Sousa



MAYWORM, Vitor Hugo Martins Gall.

Letramento literário no Ensino Fundamental II : impactos na formação leitora e linguística por meio de narrativas mitológicas ovidianas / Vitor Hugo Martins Gall MAYWORM. -- 2026.
170 p. : il.

Orientadora: Fernanda Cunha Sousa

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2026.

1. educação linguístico-literária. 2. literatura. 3. Antiguidade Clássica. 4. Metamorfoses. 5. mito. I. Sousa, Fernanda Cunha , orient. II. Título.

Ficha técnica

Organizadores

Carolina Alves Fonseca
Daniela da Silva Vieira
Fernanda Cunha Sousa
Michel Mingote Ferreira de Azara
Natália Sathler Sigiliano
Patrícia Pedrosa Botelho
Thais Fernandes Sampaio

Universidade Federal de Juiz de Fora
Mestrado Profissional em Letras
2026

Apresentação da coleção

Daniela da Silva Vieira

Dedilene Alves de Jesus-Oliveira

Iniciamos a apresentação deste caderno pedagógico considerando que os produtos educacionais aqui apresentados constituem uma parte do trabalho de pesquisa-ação realizado por professores da educação básica que concluíram o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS/UFJF), programa de pós-graduação que objetiva uma formação que alia a pesquisa acadêmico-científica às reflexões e intervenções nas diversas realidades de sala de aula de Língua Portuguesa e Literatura.

Neste caderno, estão disponibilizadas sequências de atividades pedagógicas desenvolvidas pelo docente em sala de aula, isto é, num ambiente real de aprendizagem, entendidas como resultado de uma prática de “reflexão na ação” destacada por Schön (1992), a qual considera a necessidade de reunir dimensões sobre a prática reflexiva, tais como a compreensão do conteúdo a ser apresentado ao aprendiz, a interação interpessoal entre professor e aluno e a autonomia para que o professor desenvolva a sua prática no ambiente de ensino. Nesta mesma perspectiva, Tardif e Lessard (2008) ressaltam que o trabalho docente é um “trabalho interativo, trabalho sobre e com o outro” (p.11).

Nesse sentido, o intuito deste material é fazer com que haja também um dialogismo com outros professores de Língua Portuguesa e Literatura, seja para auxiliar no processo de criação de projetos didáticos para as suas aulas, seja para refletir acerca de algum conteúdo específico ou mesmo publicizar entre os seus pares. Os materiais aqui expostos apresentam aspectos que demonstram a práxis docente em sua essência emancipatória e libertadora (Freire, 1996), uma vez que privilegiam a autonomia do alunado.

Assim, esperamos que cada leitor faça proveito deste material para a sua formação profissional docente ou mesmo para enriquecimento acadêmico-científico acerca das temáticas tratadas.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

Apresentação do projeto

Caro Professor, Cara Professora,

Apresentamos a você nosso caderno pedagógico, o qual foi confeccionado a partir de reflexões sobre teorias e práticas do letramento literário, as quais foram apresentadas a nós durante o percurso de formação no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS. Nossas atividades privilegiam as práticas de leitura literária de narrativas da Antiguidade Clássica – especificamente as ovidianas, da obra *Metamorfoses* –, mas também dão destaque à produção de textos escritos, orais e multissemióticos, visando a melhorias na formação leitora e linguística dos alunos abarcados por nosso projeto de pesquisa, ampliando, assim, o repertório literário clássico de nossos discentes, bem como o domínio de competências linguísticas e literárias, em todas as formas sociais de uso da língua e da linguagem.

Este material também serve a você, professor ou professora, como um guia com sugestões de atividades que podem promover o letramento literário, que é, segundo Paulino, “a existência de um repertório textual, a posse de habilidades de trabalho linguístico formal, o conhecimento de estratégias de construção de texto e de mundo que permitem a emersão do imaginário no campo simbólico” (Paulino, 2010, p. 35).

Como aporte teórico para a elaboração deste caderno, valemo-nos das contribuições de Cosson (2009; 2018) e Paulino (2004; 2010), para as reflexões acerca do letramento literário; de Solé (1998), acerca das estratégias de leitura; e de Jouve (2012) e Todorov (2010), sobre o ensino de literatura. As discussões teóricas apresentadas anteriormente, assim como outras relevantes para nossa pesquisa, podem ser consultadas e analisadas detalhadamente em nossa dissertação.

Nossas atividades foram inspiradas na Sequência Básica do Letramento Literário na Escola, elaborada por Cosson (2009), constituída, originalmente, por quatro passos – motivação, introdução, leitura e interpretação – recebendo, no nosso material, um passo a mais, o qual denominamos etapa de compartilhamento. Este caderno contém as descrições das etapas de nossa sequência básica, as sugestões de atividades, que podem ser adaptadas para cada realidade escolar, assim como diálogos e orientações para auxiliar seu trabalho docente. Esperamos, sinceramente,

que nosso caderno pedagógico possa contribuir positivamente tanto para a sua formação docente quanto para as práticas de leitura literária e formação leitora e linguística de seus discentes.

Aproveite este material!

[Clique aqui](#) para baixar a dissertação.

Sumário

Começando a conversa	7
Primeira etapa: motivação	7
Segunda etapa: introdução à obra <i>Metamorfoses</i>	15
Terceira e quarta etapas: leitura e interpretação das narrativas mitológicas ovidianas	20
Primeira narrativa: Píton	21
Segunda narrativa: Apolo e Dafne	24
Terceira narrativa: Aracne	33
Quarta narrativa: Dédalo e Ícaro	42
Etapa de compartilhamento: a gincana mitológica	47
Finalizando o percurso	48
Referências	49

Começando a conversa

A partir de agora, iniciaremos nossas atividades de letramento literário e formação leitora e linguística por meio da obra *Metamorfoses*, constituídas em cinco etapas. Nossa proposta foi pensada para ser trabalhada com uma turma de nono ano, no entanto, nada impede que, com adaptações, ela seja realizada também em outros anos escolares. Nesta primeira etapa, o objetivo é preparar o aluno para a leitura da obra, aproximando-o do texto, por meio da antecipação temática e da exploração da estrutura do texto, envolvendo conjuntamente atividades de leitura, escrita e oralidade. Sugerimos cerca de 6 aulas de 50 min, o que pode ser alterado de acordo com a demanda e a realidade de cada turma.

Primeira etapa: motivação

Atividade 1: Assista a dois episódios da série francesa “*Grandes Mitos Gregos*”, criada por François Busnel: *Zeus e a conquista do poder*”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-1nqbN3aLWI>, que apresenta, de acordo com a mitologia grega, a origem de todo o universo até a conquista de Zeus, e “*Prometeu: O rebelde do Olimpo*”, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OWY4PxmexV8>, o qual se inicia com a história dos Titãs, de alguns deuses e da humanidade com suas tragédias e deleites. A seguir, anote em seu diário de leituras suas impressões sobre os vídeos, dúvidas, curiosidades e críticas.



Atividade 2:

Roda de conversa sobre os vídeos vistos, buscando perceber as possíveis leituras dos alunos acerca das temáticas, dos personagens, abrindo espaços para as dúvidas, impressões e críticas dos alunos.

Vocês conhecem séries, filmes, livros e jogos sobre o tema proposto?

Atividade 3: Pesquisa individual sobre mitos e roda de conversa a partir de suas possíveis funções nas sociedades antigas e na contemporaneidade.

Atividade 4: Confecção de uma tabela, em papel kraft, da correspondência entre os principais deuses e heróis gregos e romanos, com seus principais símbolos e atributos, para exposição no mural da sala.

Após a pesquisa e a confecção do mural, responda: com qual deus ou herói você mais se identificou? Por quê?

Atividade 5: Leitura e interpretação da narrativa mitológica “*Eco e Narciso*”, adaptada por Ana Maria Machado.

Eco e Narciso

Eco era o nome de uma ninfa muito tagarela, que conversava muito e sem pensar. Não conseguia ouvir em silêncio quando alguém estava falando. Sempre se intrometia e interrompia, nem que fosse para concordar e repetir o que o outro dizia. Um dia, fez isso com a ciumenta deusa Juno, quando ela andava pelos bosques, furiosa, procurando o marido Júpiter, que brincava com as ninfas. A tagarelice de Eco atrasou a poderosa Juno, que resolveu:

- De agora em diante, sua língua só vai servir para o mínimo possível.

E a partir desse dia, a coitada da Eco só podia mesmo repetir as últimas palavras do que alguém dissesse. Sua voz deixou de expressar suas próprias palavras.

Por isso, algum tempo depois, quando ela viu um rapaz belíssimo e se apaixonou por ele, tratou de ir atrás sem dizer nada, em silêncio. Esse rapaz se chamava Narciso e dizem que foi o homem mais bonito e deslumbrante que já existiu. Todo mundo se enamorava dele, e ele nem ligava.

Eco ficou louca por Narciso e o seguia por toda parte. Bem que tinha vontade de se aproximar e confessar seu amor, mas não tinha mais sua própria fala, não podia enunciar seus pensamentos e sentimentos... Só lhe restava ficar escondida, por perto, esperando que ele dissesse alguma coisa que ela pudesse repetir.

Um dia, o belo Narciso estava passeando no bosque com uns amigos, mas se perdeu do grupo e não conseguiu encontrá-los. Começou a clamar:

- Tem alguém aqui?

Era a chance da ninfa! E ela logo respondeu, ainda escondida:

- Aqui! Aqui!

Espantado, Narciso olhou em volta e não viu ninguém. Chamou:

- Vem cá!

Ela repetiu:

- Vem cá! Vem cá!

Não vendo ninguém, ele perguntou:

- Por que você me evita?

- Por que você me evita? - foi a única resposta que ouviu.

O rapaz não desistiu:

- Vamos nos encontrar...

Toda feliz Eco saiu do meio das árvores e correu para abraçá-lo, repetindo:

- Vamos nos encontrar...

Mas ele fugiu dela, gritando:

- Pare com isso! Prefiro morrer a deixar que você me toque!

A pobre Eco só podia repetir:

- Que você me toque... que você me toque...

E saiu correndo, triste e envergonhada, para se esconder no fundo de uma caverna. Sofreu tanto com essa dor de amor, que foi emagrecendo, definhando, até perder o corpo, desaparecer por completo e ficar reduzida apenas a uma voz, repetindo as palavras dos outros - isso que nós chamamos de Eco.

Narciso continuou sua vida, sempre da mesma maneira. Sem ligar para ninguém, nunca se importando com os outros, brincando com o sentimento alheio. Até que alguém, que ele fez sofrer muito rezou para Nêmeses, uma deusa que se indignava com injustiças, e pediu:

- Que ele possa amar alguém tanto como nós o amamos! E que também seja impossível que ele conquiste seu amor!

Nêmeses ouviu essa oração. Achou que era justa e resolveu atender ao pedido.

Havia no fundo do bosque um laguinho de águas cristalinas e tranquilas, onde nunca vinha um animal beber água e não caíam folhas ou galhos secos - um verdadeiro espelho. Era cercado por uma grama verdinha e macia. Um lugar muito fresco e gostosíssimo. Um dia, no meio de uma caçada, Narciso passou por ali. Com sede, resolveu tomar um pouco d'água. Deitando na margem, com a cabeça debruçada sobre o lago, ficou encantado pelo belíssimo reflexo que via. Nunca tinha se visto no espelho e não sabia que era sua própria imagem. Mas imediatamente se apaixonou, maravilhado por tanta beleza. Ficou ali parado, contemplando aquele rosto mais bonito do que o de qualquer estátua de mármore que jamais vira. Suspirava, extasiado diante daqueles olhos brilhantes como estrelas. Admirava o pescoço elegante, o rosto adorável, os cachos abundantes do cabelo, emoldurando um rosto de proporções perfeitas e feições incomparáveis. Nem mesmo um deus poderia ser tão belo!

Os amigos apareceram para procurá-lo, mas ele não deu atenção. Chamaram-no para ir embora, mas ele ficou. Olhando o reflexo no lago.

Quando sorria, aquela criatura divina lhe sorria ao mesmo tempo. Quando aproximava os lábios da superfície, via que o outro rosto também chegava mais perto, preparando um beijo. Mas, ao se tocarem, o outro sumia e só ficava a água. Mergulhou os braços na água, tentando puxar para si aquele pescoço, trazer aquele corpo para o seu abraço. Mas tudo de dissolvia.

Muito tempo Narciso ficou ali, sem comer nem dormir, admirando aquele ser por quem estava tão apaixonado. Chorou, e suas lágrimas caíram sobre a imagem, que chorava com ele, e ficou turva.

- Ai de mim! - gemia ele.

A única resposta que tinha era de Eco, sempre escondida:

- Ai de mim!

Consumindo-se de amor, sem conseguir sair dali, Narciso ficou desesperado, rasgou as vestes, se arranhou todo, puxou os próprios cabelos. Na água, a imagem fazia o mesmo. Mas ele não podia agarrá-la. Nem tinha forças para prestar atenção em mais nada que não fosse aquele rosto refletido no lago.

Desinteressado de tudo, cada vez mais fascinado por si mesmo, foi definhando. Ao perceber que ia morrer, suspirou:

- Adeus!

Fechou os olhos, deixou cair a cabeça sobre a grama. Na água, o rosto sumiu. Só Eco respondeu:

- Adeus!

Mais tarde, os amigos voltaram. Mas já o encontraram morto. Prepararam tudo para o funeral, e, quando vieram pegar o corpo, ele não estava mais lá. Em seu lugar, nascera uma flor perfumada e linda, com uma estrela de pétalas brancas em volta de um miolo amarelo. Para sempre chamada de Narciso.

Fonte: Machado, Ana Maria. **Histórias greco-romanas.** São Paulo: FTD, 2011. p.36-43.

Atividades

1. O texto acima apresenta uma narrativa mitológica. A partir de sua pesquisa e do que estudamos até aqui, responda: quais características e elementos da mitologia estão presentes nessa narrativa?
2. O texto “*Eco e Narciso*” busca demonstrar a origem de quê? Explique.
3. Como as personagens Eco e Narciso são descritas? Como essas características contribuíram para o trágico destino que lhes acometeu?
4. O que você considera acerca da atitude da deusa Juno para o desenrolar da trama?
5. Atividade oral: A partir da leitura de *Eco e Narciso*, quais outros assuntos podemos levantar para discussão, em relação à nossa realidade social? Você percebe similaridades com histórias da atualidade?
6. Ouça a canção *A face de Narciso*, de Jorge Vercillo, e a seguir analise atentamente a letra.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=HFFvg3hxq88&pp=0gcJCdgAo7VqN5tD>.

O que é o amor?
Vai além da minha compreensão
Para uns é chave
E pra outros foi prisão

O que é o amor?
Será desapego ou possessão?
Altruísmo em nós
Ou apenas auto-adoração?

Face de Narciso por capricho se espelhou
Mas se ela me olha assim, é lindo
Ali eu sei quem sou

E o que é o amor?
É platônico ou será real?
Sonhos de mulher
Ou pecado original?

E o que é o amor?
Penso que só ele pode unir

Tudo em suas mãos
Toda a dualidade em si

São tantas verdades convergindo ao seu / redor
Não existe a espada sem a lira
O espinho sem a flor

O que é o amor?
Vai além da minha compreensão
Para uns é chave
E pra outros foi prisão

O que é o amor?
Vai além da imaginação
Para uns é dor
Para muitos, luz na escuridão

Compositores: Jorge Luiz Sant'anna Vercillo / Joao
Batista Maranhão Filho

- a) O texto poético anterior busca dar resposta a que indagação?
- b) Qual o sentido das palavras seguintes de acordo com o contexto?
- Altruísmo:
 - Platônico:
 - Dualidade:
- c) Justifique o título da canção de acordo com o mito a que ela se refere.
- d) Discuta com os colegas e responda: Quais elementos na letra de *A face de Narciso* fazem referência direta ao mito *Eco e Narciso*? Comente.
- e) Como estudamos em momentos anteriores, nos textos poéticos, é muito comum o uso de uma figura de linguagem chamada antítese, a qual consiste na aproximação de duas palavras ou expressões com sentidos opostos, criando contraste e realçando o sentido de cada um dos termos. Exemplo: alegria x tristeza; céu x terra; frio x quente; etc.
A partir das informações anteriores, releia a letra da canção e indique as antíteses presentes nela. A seguir, explique como essas antíteses auxiliam na construção dos sentidos do texto.

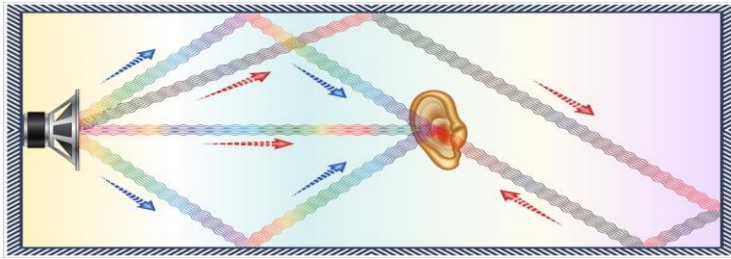
Leia os textos a seguir, o primeiro sobre o fenômeno eco e o segundo sobre a flor narciso:

Texto 1

O eco é um fenômeno sonoro que acontece quando existe uma diferença de tempo maior do que 0,1 segundo entre o som que se propaga direto da fonte para o ouvido e o som que recebemos depois que ele é refletido pelas superfícies. Podemos percebê-lo quando falamos próximo a uma montanha ou no interior de cavernas.

O eco funciona por meio do fenômeno da reflexão do som, no qual o som sai da fonte e, ao encontrar um obstáculo, podendo ser um objeto ou um animal, retorna para a fonte.

Existem dois sons que chegam até o nosso ouvido, o som direto, recebido direto da fonte sonora, e o som refletido, proveniente da sua reflexão em alguma superfície e que demora mais tempo para nos atingir.



Propagação do som até o ouvido.

O nosso sistema auditivo leva 0,1 segundo para esquecer o som que ouvimos e perceber o próximo, isso é conhecido como persistência auditiva ou de audição, e com base nela podemos perceber os fenômenos sonoros.

Se a diferença de tempo entre o som direto e o som refletido for menor que 0,1 segundo, em que as ondas sonoras chegam quase juntas ao ouvido, ocorre o fenômeno de interferência construtiva, em que o som é amplificado, mais intenso. Já se essa diferença de tempo for maior que 0,1 segundo, o nosso ouvido começa a diferenciar um som do outro, ocorrendo o que chamamos de eco.

Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/fisica/eco.htm> (Acesso em 23 jun. 2025)

Texto 2

Narciso

Narciso é um gênero botânico pertencente à família Amaryllidaceae. As cores de suas flores geralmente variam entre o amarelo e o branco. A sua origem é o Mediterrâneo e partes da Ásia central e a China continental [...] O seu nome tem origem no personagem mitológico Narciso.

Floresce no princípio da primavera e é frequentemente encontrada em solo úmido perto de uma lagoa. A flor tem normalmente seis pétalas brancas com um funil central amarelo contendo os estames e o estigma. O caule inclina-se antes da flor, pendendo de forma a que a flor esteja virada para baixo em vez de para cima.

Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Narcissus> (Acesso em 26 jun. 2025)

Atividades:

1. Qual a finalidade comunicativa desses dois textos?
2. Compare a narrativa *Eco* e *Narciso* com os dois textos lidos anteriormente. Qual dos três textos tem uma característica mais literária, que desperta sensações, emoções, com uma linguagem mais ficcional, figurativa e subjetiva? Justifique sua resposta.
3. Quais textos têm que ser lidos de maneira mais literal, objetiva e informativa? Por quê?

Leia a seguir duas narrativas, uma de origem yorubá, e a outra da tradição oral da tribo Tucuna, que vive no Vale do Rio Solimões, no Amazonas.

A criação do mundo segundo os yorubás

No começo, o mundo era todo pantanoso e cheio d'água, um lugar inóspito, sem nenhuma serventia. Acima dele, havia o Céu, onde viviam Olorum e todos os orixás, que às vezes desciam para brincar nos pântanos insalubres.

Ainda não havia terra firme, nem o homem existia. Um dia, Olorum chamou à sua presença Obatalá, o Grande Orixá. Disse-lhe que queria criar terra firme lá embaixo e pediu-lhe que realizasse tal tarefa. Para a missão, deu-lhe uma concha marinha com terra, uma pomba e uma galinha com pés de cinco dedos.

Obatalá desceu ao pântano e depositou a terra da concha. Sobre a terra pôs a pomba e a galinha e ambas começaram a ciscar, espalhando a terra que viera na concha, até que terra firme se formou por toda parte. (...) Depois Olorum mandou Obatalá de volta à Terra para plantar árvores e dar alimentos e riquezas ao homem.

Foi assim que tudo começou. Foi ali, em Ifé, durante uma semana de quatro dias, que Obatalá criou o mundo e tudo o que nele existe. Mas a missão não estava ainda completa. Obatalá modelou em barro os seres humanos e o sopro de Olodumarê os animou. O mundo agora se completara. E todos louvaram Obatalá.

Fonte: Prandi, Reginaldo. **Mitologia dos orixás.** São Paulo, 2001.

O mito indígena do Sol

Antigamente, muito antigamente, no tempo em que vivia entre os Tucuna, o Sol era um moço forte e muito bonito. Por ocasião da festa de Moça-Nova, o rapaz ajudava sua velha tia no preparo da tinta de urucu. Ia à mata e trazia uma madeira muito vermelha, chamada muirapiranga. Cortava a lenha para o fogo onde a velha fervia o urucu para pintar os Tucuna. A tia do moço era muito mal humorada, estava sempre a reclamar e a pedir mais lenha.

Um dia o Sol trouxe muita muirapiranga e a velha tia ainda resmungava insatisfeita. O rapaz resolveu então que acabaria com toda aquela trabalhadeira. Olhou para o fogo que ardia, soltando longe suas faíscas. Olhou para o urucu borbulhante, vermelho, quente. Desejou beber aquele líquido e pediu permissão à tia, que consentiu:

- Bebe, bebe tudo e logo, disse zangada.

Ela julgava e desejava que o moço morresse.

Mas, à medida que ia bebendo a tintura quente, o rapaz ia ficando cada vez mais vermelho, tal qual o urucu e a muirapiranga.

Depois, subindo para o céu, intrometeu-se entre as nuvens. E passou desde então a esquentar e a iluminar o mundo.

Fonte: https://www.ufmg.br/cienciaparatodos/wp-content/uploads/2012/06/leituraparatodos/Textos-Leitura-Etapa-3-e-4/e34_56-mitoindividuosol.pdf (Acesso em 19 jun. 2025).

Agora, compare as três narrativas mitológicas lidas: *Eco e Narciso*, *A criação do mundo segundo os yorubás* e *O mito indígena do Sol* e responda às questões solicitadas.

1. A partir da leitura das narrativas mitológicas anteriores, podemos dizer que as três possuem uma característica semelhante quanto a seu propósito. Qual seria esse propósito?
2. Aproveite este momento para revisar com o seu professor os elementos e a sequência dos textos narrativos.
3. Após a revisão feita em aula, releia as três narrativas mitológicas e complete o quadro abaixo com as informações *acerca dos elementos e da sequência da narrativa*.

Elementos e sequência da narrativa	<i>Eco e Narciso</i>	<i>A criação do mundo segundo os yorubas</i>	<i>O mito indígena do sol</i>
<i>Situação inicial</i>			
<i>Conflito</i>			
<i>Clímax</i>			
<i>Desfecho</i>			
<i>Protagonista</i>			
<i>Antagonista</i>			
<i>Personagens secundários</i>			
<i>Tempo</i>			
<i>Ambientes</i>			
<i>Tipo de narrador</i>			

Para ficar na memória:

Por meio da atividade realizada, percebemos que as narrativas mitológicas originam-se da tradição oral, criadas para explicar o mundo, a origem e o destino da humanidade, os fenômenos da natureza, a morte e os sentimentos, etc.

Elas possuem uma sequência (introdução, conflito, clímax e desfecho) e, também, os elementos: espaço, tempo e personagens. Dentre as personagens míticas, destacam-se os heróis (exemplos de superação e perfeição moral) e os seres sobrenaturais (deuses, monstros etc.).

Desse modo, as principais características desse gênero são:

- sequência narrativa;***
- presença de seres extraordinários, heróis, divindades, monstros, etc;***
- explicação de um fenômeno, da origem de determinados seres, de lugares e costumes;***
- narração no passado.***

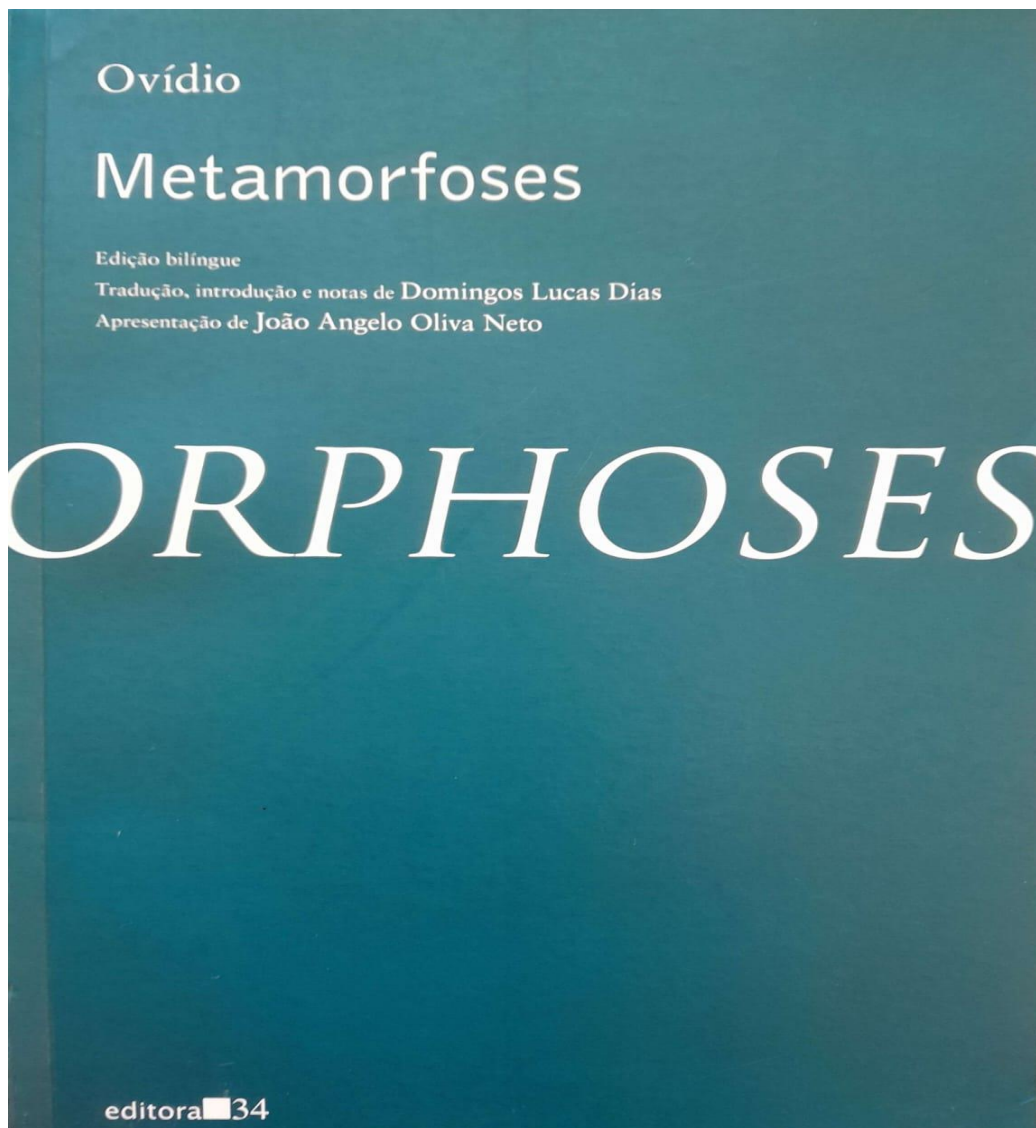
Fonte: produção do autor (2025).

Segunda etapa: introdução à obra *Metamorfoses*.

Apresentação da obra, da capa, da contracapa, das orelhas e do autor.

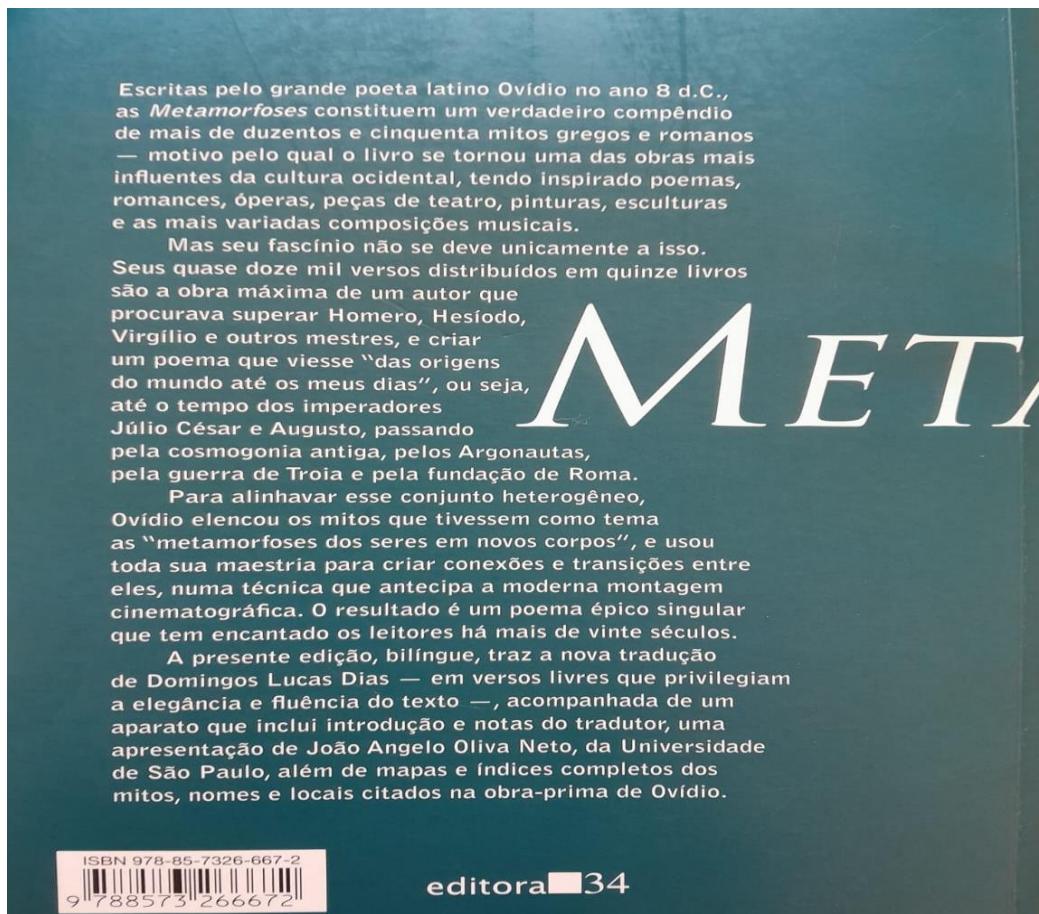
Nesta etapa, os alunos iniciarão o contato com a obra *Metamorfoses*. Destacaremos informações mais objetivas, como a apresentação da capa, da contracapa, da orelha direita e esquerda da edição escolhida e do autor. Como veremos adiante, neste intervalo serão iniciadas as sondagens acerca das expectativas e hipóteses dos alunos sobre essa obra ovidiana em estudo. Sugerimos que as atividades da etapa de introdução sejam feitas em 10 aulas de 50 min.

Leia atentamente a capa do livro *Metamorfoses*.



- a) Você sabe o que é uma metamorfose? Se não souber, faça uma pesquisa acerca dessa palavra.
- b) A partir do título “*Metamorfoses*”, levante hipóteses sobre o teor temático que será apresentado pela obra.
- c) Você conhece alguma outra obra (canção, escultura, livro, pintura, poema, etc.) em que ocorra a palavra “metamorfose”?
- d) Você tem alguma ideia a respeito de quem seja Ovídio e em que lugar e época ele escreveu?
- e) O livro é uma edição bilíngue, sendo uma das línguas o português. De acordo com o que temos estudado, para você, qual deve ser a outra língua, a da escrita original?
- f) Podemos depreender pela leitura da capa que a edição trará outras informações, como uma introdução, notas e uma apresentação da obra. Sendo assim, deduza: O que essas informações podem sugerir sobre a relevância das *Metamorfoses*?

Agora, vamos ler a contracapa!



Após a leitura da contracapa, vamos responder às questões propostas!

- Qual a função do texto presente na contracapa? Como nomeamos esse gênero textual?
- Marcadores de opinião são palavras ou expressões que revelam o ponto de vista e a avaliação de quem fala ou escreve sobre determinado assunto. O texto da contracapa apresenta diversos desses marcadores. Transcreva-os abaixo, indicando a que ou a quem se referem.
- Esses marcadores revelam uma crítica positiva ou negativa acerca das *Metamorfoses* de Ovídio?
- Ao fazer essa leitura, você ficou mais ou menos interessado pela obra?
- Como pode ser percebida a influência das *Metamorfoses* na cultura ocidental, de acordo com esse texto?
- Para você, o que seriam as “metamorfoses dos seres em novos corpos”? A seguir, levante hipóteses sobre por que esse trecho ficou entre aspas.
- Ao ler a contracapa, você teve alguma dúvida que gostaria de compartilhar? Se sim, qual foi?

A seguir, faremos a leitura das orelhas esquerda e direita.

<p>“O meu gosto pelos livros nasceu do prazer que tive à leitura das fábulas das <i>Metamorfoses</i> de Ovídio. Aos sete ou oito anos, mais ou menos, fugia para as ler, desprezando quaisquer outros divertimentos.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Michel de Montaigne</i></p> <p>“As <i>Metamorfoses</i>, com suas alegorias, metáforas e translações, alegam, admiram e ensinam a um só tempo.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Miguel de Cervantes</i></p> <p>“É muito provável que as diversas metamorfoses que testemunhamos na natureza foram a origem daquelas antigas fábulas que Ovídio colecionou e embelezou em sua admirável obra.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Voltaire</i></p> <p>“Falo das <i>Metamorfoses</i> de Ovídio. Devo defender o meu favorito. Nada é mais prazeroso do que nos demorarmos naquelas alegres e gloriosas paragens na companhia de deuses e semideuses, e testemunhar suas façanhas e paixões.”</p> <p style="text-align: right;"><i>J. W. Goethe</i></p> <p>“Ovídio nos encanta com sua variedade, com a facilidade com que se detém sobre as coisas e logo as abandona, com seu arsenal de distrações. É divertido, despreocupado, imprevisível e cheio de vida.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Giacomo Leopardi</i></p> <p>“Ovídio, eu vivo perto dos quietos literais para onde você trouxe seus deuses banidos. A suave voz de sua lira não ficou muda; este lugar ainda está povoado com suas palavras.”</p> <p style="text-align: right;"><i>A. S. Púchkin</i></p>	<p>“Um livro inesgotável.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Rainer Maria Rilke</i></p> <p>“As <i>Metamorfoses</i> de Ovídio. Esse é um dos dois ou três livros em que Shakespeare aprendeu sua arte. Suas histórias trazem figurações de verdades psicológicas não descritas em nenhum outro lugar.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Ezra Pound</i></p> <p>“Nenhum outro autor clássico tratou de uma gama tão vasta de temas mitológicos, e nenhum foi tão assiduamente lido, traduzido, parafraseado, comentado e ilustrado.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Erwin Panofsky</i></p> <p>“As <i>Metamorfoses</i> se colocam em um nível estilístico mais elevado; elas se aproximam do épico.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Erich Auerbach</i></p> <p>“É na passagem de uma forma a outra que Ovídio exhibe seus dotes incomparáveis — quando narra como uma mulher percebe que está se transformando numa árvore: os pés ficam cravados na terra, uma tenra casca se forma aos poucos e envolve suas virilhas; quer arrancar os cabelos e encontra a mão cheia de folhas. Ou quando descreve os dedos de Aracne, tão ágeis em cardar e fiar a lã, fazer girar o fuso, manusear a agulha de bordar, e que de repente vemos se alongar em finas pernas de aranha que se põem a tecer uma teia.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Italo Calvino</i></p> <p>“Ninguém tem o direito de escrever em qualquer língua sem antes ler as <i>Metamorfoses</i> de Ovídio.”</p> <p style="text-align: right;"><i>Joseph Brodsky</i></p>
--	--

Após a leitura das orelhas, responda:

- a) O que são os trechos transcritos nas orelhas? Por que estão entre aspas?
- b) Qual a função desses textos para quem ainda vai iniciar a leitura da obra?
- c) Em duplas ou em trios, façam uma pesquisa sobre uma das pessoas que são apresentadas nas orelhas e apresente-a para a turma. Combinem com o professor para que não falte a apresentação de nenhuma delas.
- d) Conclua: O que essas pessoas disseram contribui para destacar a importância das “*Metamorfoses*”? Comente.

Vamos conhecer um pouco sobre o autor das *Metamorfoses*? Assistiremos à entrevista seguinte em que o professor Alexandre Hasegawa, da USP, faz uma breve síntese da biografia de Ovídio.



Acesse o link a seguir para assistir à entrevista:
<https://www.youtube.com/watch?v=2znAMWHXzTI> (Acesso em 19 jul. 2025).

Curiosidade: Vocês sabiam que mais de dois milênios depois o poeta Ovídio foi absolvido em Roma, pela Câmara de Vereadores, tendo sua expulsão da cidade anulada? Vejam só!



Acesse o link a seguir para conferir a notícia:
<https://www.youtube.com/watch?v=2AzFuzbqHRk> (Acesso em 23 jun. 2025).

Vamos ler um trecho do preâmbulo (parte inicial de um texto) das *Metamorfoses em latim (língua original da obra) e depois em português?*

*In noua fert animus mutatas dicere formas
corpora; di, coeptis (nam uos mutastis et illas)
aspirate meis primaque ab origine mundi
ad mea perpetuum deducite tempora carmen.*

*É meu propósito falar das metamorfoses dos seres
em novos corpos. Vós, deuses, que as operastes,
sede propícios aos meus intentos e acompanhai o meu poema,
que vem das origens do mundo até os meus dias.*

Compare o trecho em latim e depois em português. A seguir, responda: quais palavras são similares entre si quanto à forma? Faça uma correspondência entre elas.

Após a leitura da tradução em português, realize as questões seguintes.

- a) Houve alguma palavra desconhecida por você que lhe trouxe dificuldade para a compreensão do texto?
- b) Qual o objetivo de Ovídio explicitado nesse trecho?
- c) Sua hipótese acerca do que seja uma metamorfose está sendo confirmada pelos versos “É meu propósito falar das metamorfoses dos seres/ em novos corpos.”? Explique.

Terceira e quarta etapas: leitura e interpretação das narrativas mitológicas ovidianas.

Estas etapas são as mais importantes das atividades de letramento literário, pois, conforme Cosson (2009), é no ato da leitura que a experiência literária, de fato, acontece. Os estudantes devem ser acompanhados no seu percurso de leitura e interpretação, cabendo ao docente auxiliá-los a superar suas dificuldades durante todo o processo.

No decorrer da leitura das narrativas mitológicas ovidianas selecionadas, devem ser realizados alguns intervalos, sempre com a finalidade de diagnosticar as etapas da decifração no processo de leitura. Nesses intervalos, baseados no que prescreve Coscarelli (1996), busca-se resolver problemas ligados ao vocabulário, à sintaxe do texto e à sua estrutura composicional, além de dirimir outras dificuldades que possam surgir durante a leitura, como ajustes em relação às expectativas levantadas e à própria interação com texto, como o próprio Cosson (2009) sugere.

Para estas etapas, as mais cruciais de nossa intervenção, sugerimos 24 aulas de 50 min, sendo 6 aulas para cada narrativa mitológica, média.

Vamos a partir deste momento fazer as leituras das narrativas mitológicas de Ovídio. Começaremos pelas narrativas *Pítton* e, em seguida, *Apolo* e *Dafne*, presentes no Livro I, p. 73, 75, 77, 79, 81, 83 e 85. Boa leitura!

Professor(a), sugerimos fazer a leitura das narrativas mitológicas sob a perspectiva da metodologia da leitura protocolada, que, conforme Coscarelli (1996), é um método de leitura por meio do qual o(a) aluno(a) é guiado em um processo que mescla a leitura em voz alta, a análise crítica e a reflexão sobre o texto. Tal prática favorece a participação ativa do(a) aluno(a), através do diálogo entre o leitor e o texto, promovendo uma interação mais profunda com o conteúdo lido por meio da inferência de informações implícitas.

Observação: Ao final de cada leitura, façam seu “diário de leituras”.



Diário de leituras: Façam os registros que vocês considerarem necessários acerca da leitura das narrativas mitológicas, do que aprenderam, das suas dúvidas, críticas e impressões gerais para serem compartilhadas.

Momento antes da leitura. Vamos ler a primeira narrativa “Píton” (Livro I, vv. 416-451)?

- 1- Observem o título da primeira narrativa “Píton”. Ele sugere algo a vocês?

- 2- Do que vocês acham que vai tratar esse texto?

[Píton]

Os outros animais, sob formas variadas, gerou-os a terra espontaneamente, depois de a umidade que tinha haver aquecido ao fogo do sol, e o lodo e as águas estagnadas se encherem de vida por ação do calor, e o germe fecundo das coisas, alimentado

⁴⁶ Titã é nome genérico dos filhos de Urano e Gaia, que pertencem à geração divina. Prometeu e Epimeteu são filhos de um deles, Jápeto, e, por isso, são também designados Titãs.

⁴⁷ São gestos religiosos com caráter sagrado.

por um solo vivificante, se haver desenvolvido como no seio de uma mãe e, com o tempo, haver assumido formas distintas. É assim como quando o Nilo das sete embocaduras se retira dos campos alagados e reconduz suas águas ao primitivo leito, e o lodo que fica abrasa sob o efeito do astro de fogo. Os agricultores encontram na terra que revolvem animais variados, sendo alguns deles apanhados no processo de nascimento, encontram outros em formação e com os membros incompletos, e, no mesmo corpo, às vezes, está uma parte viva e a outra é terra inerte. De fato, quando se combinam umidade e calor, eles geram vida, e dos dois elementos nascem os seres todos.⁴⁸ Embora fogo e água sejam inimigos, este calor úmido cria as coisas todas, e a discordante harmonia fomenta a gestação.⁴⁹ Por isso, quando a terra, coberta do lodo do dilúvio recente, recomeçou a aquecer sob o efeito do intenso calor dos raios do sol, deu origem a incontáveis espécies. Reproduziu, em parte, as formas antigas; em parte criou prodígios novos. A terra não te quereria, mas também a ti, colossal Píton, te gerou então. Serpente desconhecida ainda, eras o terror dos povos agora criados, tal a porção de montanha em que dominavas. Cravando-a de mil dardos, quase esgotando a aljava, exterminou-a o divino arqueiro,⁵⁰ que jamais se servira destas suas armas senão contra gamos e fugitivas cabras. Das suas mil feridas jorrou o veneno. E para que o tempo não pudesse apagar a memória do feito, instituiu, sob a forma de solene concurso, uns jogos sagrados, designados Pítricos, do nome da serpente vencida.

⁴⁸ Princípio da Escola Jônica que se prolonga na Escola Estoica.

⁴⁹ É da combinação dos quatro elementos subsistentes — água, fogo, ar e terra — que se geram todos os elementos, segundo Empédocles (século V a.C.).

⁵⁰ Apolo.

O jovem que neles triunfasse, no pugilato, na corrida, fosse a pé ou fosse de carro, recebia como distinção uma coroa de carvalho.⁵¹ O loureiro⁵² não existia ainda e Febo⁵³ cingia a sua bela fronte de longos cabelos com o ramo de uma árvore qualquer.

⁵¹ Árvore especialmente consagrada a Júpiter.

⁵² A árvore de Apolo.

ATIVIDADES

1. Vocês tiveram alguma dificuldade em relação à linguagem empregada no texto? Discutam entre si e comentem com o professor.
2. Quais elementos presentes no texto “Píton” são característicos de uma narrativa mitológica?
3. A narrativa anterior tenta explicar a origem de quê?
4. O texto traz algumas comparações. Registrem-nas a seguir e apresentem oralmente o sentido de cada uma delas de acordo com o contexto.
5. Suponham que Apolo tivesse vencido recentemente a serpente Píton e que vocês trabalhassem na edição de um jornal de grande circulação. Que manchete sobre esse acontecimento vocês criariam? Atenção para as características e função das manchetes nos jornais!

Você sabia?

Os Jogos Píticos eram um dos quatro grandes jogos esportivos da Grécia Antiga, realizado em Delfos, em homenagem ao deus Apolo, de quatro em quatro anos. Nesses jogos, também havia competições de música e de poesia, ao contrário dos Jogos Olímpicos.

Na mitologia grega, a pitonisa (ou pítia) era a sacerdotisa responsável, no Oráculo de Delfos, por transmitir as mensagens do deus Apolo aos consulentes. Esse oráculo era muito famoso na Antiguidade, sendo muitas vezes consultado para a tomada de decisões políticas e até mesmo da vida cotidiana. Esse lugar era considerado o centro do mundo pelos gregos, e até hoje suas ruínas podem ser visitadas.

Para saber mais sobre esses assuntos, sugerimos assistir ao vídeo “Como era o templo de Delfos na Grécia? Conheça as construções desse lugar sagrado.” em <https://www.youtube.com/watch?v=EHZCTb3dUns>.

6. Que tal fazer uma tirinha bem humorada sobre a narrativa mitológica lida? Caprichem nos desenhos (ou colagem) e façam os diálogos, conforme o esperado para esse gênero textual.

Vamos ler a seguir a segunda narrativa mitológica, Apolo e Dafne (Livro I, vv. 452-567).



Observação: Não se esqueçam de, durante/e ao final de cada leitura, fazer seus registros no “diário de leituras”.

[Apolo e Dafne]

O primeiro amor de Febo foi Dafne, filha de Peneu.⁵⁴ Esta paixão não foi obra de um cego acaso, mas do violento rancor de Cupido. O deus de Delos,⁵⁵ orgulhoso da recente vitória sobre a serpente, vira Cupido a dobrar o arco, retesando-lhe a corda, e disse-lhe: “Que tens tu a ver, jovem folgazão, com essas pesadas armas? Isso são apetrechos mais próprios para os meus ombros, pois posso ferir certamente uma fera ou um inimigo. Ainda agora abati com incontáveis setas a soberba Píton que cobria com seu pestífero ventre tão grande extensão de terra. Satisfaz-te tu em espicaçar com a tua tocha não sei bem que amores e não te candidates a glórias que só a mim pertencem!” Responde-lhe o filho de Vênus: “Olha, Febo, teu arco pode ferir tudo. O meu vai ferir-te a ti. Quanto os animais são inferiores a um deus, tanto a tua glória é inferior à minha.” Assim falou e, cortando o ar com o batimento das asas, chega num instante ao frondoso cimo do Parnaso. De sua aljava cheia tira duas setas com funções distintas. Uma afugenta, a outra faz brotar o amor. A que o faz nascer é dourada, com uma ponta aguda e brilhante. A que o afugenta é romba e tem chumbo no coração da cana. Esta cravou-a o deus na ninfa, filha de Peneu. Com aquela feriu a medula de Apolo, varando-lhe os ossos.

⁵¹ Árvore especialmente consagrada a Júpiter.

⁵² A árvore de Apolo.

⁵³ Outro nome de Apolo.

⁵⁴ Deus-rio da Tessália.

⁵⁵ Apolo.

Logo um se enamora. Só de ouvir a palavra amante,
logo a outra foge. Êmula da casta Febe,⁵⁶ comprazia-se ela
com os recônditos da floresta e com os despojos da caça.
Com uma fita, prendia os cabelos caídos ao acaso.
Quiseram-na muitos. Ela, desdenhando deles, livre e sem paciência
para um marido, percorre os solitários bosques sem querer
saber o que sejam Himeneu, amor e o casamento.
Tantas vezes o pai lhe dissera: “Filha, deves-me um genro.”
O pai lhe dissera outras tantas vezes: “Deves-me, filha, uns netos.”
Odiando ela as tochas nupciais como se fora um crime,
cobrira seu belo rosto de um rubor envergonhado e, lançando
seus ternos braços ao pescoço do pai, diz-lhe: “Consente,
pai querido, que eu perpetuamente goze da minha virgindade.
Já antes o pai de Diana lhe consentiu o mesmo.”
Ele consentiu, mas não consente a tua elegância que sejas
o que pretendes! Com teu voto contende a tua beleza.
Febo está apaixonado. Ao ver Dafne, quer unir-se a ela.
E o que ele deseja, espera-o. Seus próprios oráculos o enganam.⁵⁷
Como arde o restolho depois da ceifa das espigas,⁵⁸
como ardem as sebes por causa do facho que o viajante
aproximou demais ou abandonou ao nascer o dia,
assim se inflama o deus, assim ele se abrasa no fundo do seu coração
e, esperando, alimenta um enganoso amor.
Contempla os cabelos da ninfa, que, em desalinho, caem sobre
o dorso e diz: “O que seria se penteados fossem”! Vê-lhe os olhos
brilhantes de fogo, que parecem astros. Vê-lhe a boca,
que não se cansa de olhar. Elogia-lhe os dedos, as mãos, o antebraço,
os braços, em grande parte desnudos. A parte coberta mais perfeita
lhe parece ainda. Ela afasta-se, mais célere do que a leve brisa,
e não se detém às palavras do deus, que a chama:

⁵⁶ Febe, a Brilhante; Diana, irmã de Febo.

⁵⁷ Ao não prever que jamais seria correspondido.

⁵⁸ A ceifa fazia-se colhendo apenas as espigas. A palha ficava e era queimada.

“Ninfa, rogo-te, filha de Peneu, espera! Não te sigo como inimigo, espera, ninfa! Foge assim a ovelha do lobo, assim foge a corça ao leão, e, de asa trepidante, fogem assim as pombas à águia, cada qual fugindo a seu inimigo. Eu tenho o amor como causa de perseguição. Ai de mim! Vê, não caias, ou que os espinhos não marquem tuas pernas, belas demais para serem feridas, e que eu não seja para ti causa de aflição! São ásperos os lugares por onde agora corres. Peço-te, vai mais devagar, sustém a corrida! Eu próprio irei mais devagar também. Procura saber a quem agradaste! Não sou um serrano, nem sou um pastor. Não apascento por aqui, como pastor rude, nem vacas nem cabras. Não sabes, imprudente, não sabes de quem foges e, contudo, foges. Obedecem-me o país de Delfos,⁵⁹ Claros,⁶⁰ Tênedos,⁶¹ e a casa real de Pátara.⁶² É Júpiter o meu pai. Por mim se revela o que será, o que foi e o que é. Por mim se harmoniza o poema com o som da lira. É certa a minha seta. Mais certa do que a minha existe uma outra, que feriu o meu livre coração. A medicina é invento meu. Por todo o mundo me chamam salutar, pertence-me o poder das plantas. Ai de mim, que o meu amor não há planta que o cure, e as minhas artes, que a todos servem, não servem ao dono.”⁶³

Febo vai falando, enquanto a filha de Peneu, assustada, prossegue a sua corrida e o deixa a falar sozinho. E ainda então lhe parecia bela. O vento desnudava-lhe o corpo e o sopro contrário lançava-lhe para trás os vestidos. Uma leve brisa repuxava-lhe os cabelos para as costas. A fuga realçava a sua beleza. Mas o jovem deus já não está disposto a perder mais palavras de afeto

⁵⁹ Onde o deus tem os seus oráculos e onde se celebram os Jogos Píticos.

⁶⁰ Cidade da Jônia, famosa pelo templo de Apolo.

⁶¹ Pequena ilha frente a Troia.

⁶² Cidade da Lícia.

⁶³ Apolo, filho de Zeus e de Latona, é o deus da profecia e da adivinhação, deus das artes, particularmente da música, é o deus arqueiro e senhor da medicina.

e, instigado pelo Amor, segue-lhe os passos, estugando a marcha. Como um cão da Gália, quando avista uma lebre em terreno aberto,⁶⁴ confia ele às pernas a possibilidade de alcançar a presa, e esta a elas confia a sua salvação; um, prestes a alcançá-la, espera logo tê-la e, de pescoço estendido, reforça a corrida; a outra, sem saber se foi apanhada, furta-se às dentadas e deixa para trás as fauces que a roçam já. Assim se passa com o deus e a virgem. Ele, veloz, em razão da esperança; ela, em razão do medo. O perseguidor, levado pelas asas do Amor, é mais rápido, recusa o cansaço, está já sobre a fugitiva, aspira-lhe o cabelo caído pelas costas. Consumidas as forças, ela empalidece. Vencida pela canseira de tão veloz fuga, olhando as águas do Peneu, grita: “Pai! Socorro! Se é que vós, os rios, tendes algum poder divino, destrói e transforma esta aparência pela qual agradei tanto.” Mal havia acabado a prece, invade-lhe os membros pesado torpor, seu elegante seio é envolvido numa fina casca, cresce-lhe a ramagem no lugar dos cabelos e os ramos no lugar dos braços. O pé, tão veloz ainda agora, fica preso qual forte raiz. A sua cabeça é copa de árvore. Só o brilho nela se mantém.⁶⁵ E Febo ainda a ama. Pousando-lhe no tronco a mão, sente ainda o palpitar do coração sob a nova casca. E, abraçando os ramos no lugar dos membros, beija a madeira. Mas, ao beijo, a árvore retrai-se. Diz-lhe o deus: “Já que não podes ser minha mulher, serás certamente a minha árvore. Estarás sempre, loureiro, na minha cabeleira, na minha cítara e na minha aljava. Acompanharás os generais do Lácio, quando alegres vozes entoarem cantos de triunfo e o Capitólio vir à sua frente os longos cortejos.”⁶⁶

⁶⁴ Os romanos apreciavam várias raças de cães da Gália, sobretudo o galgo.

⁶⁵ Como brilhantes são as folhas do loureiro.

⁶⁶ Referência à coroa de louros com que eram coroados os generais vencedores na cerimônia do triunfo.

Elevar-te-ás, guardiã fiel, frente às portas de Augusto e protegerás a coroa de carvalho que a encima.⁶⁷
Como a minha cabeça, de cabelos intonsos, mantém a juventude, mantém tu também a glória de uma folhagem permanente.”
Acabara Peã⁶⁸ de falar. O loureiro anuiu com a fronde nova e o deus viu-o agitar a copa como se fora a cabeça.

⁶⁷ Parece que assim era, que a porta do palácio de Augusto estava ladeada por dois loureiros.

⁶⁸ É o epíteto ritual de Apolo, “o deus que cura”.

⁶⁹ Antigo nome da Tessália.

Caso tenham dúvidas acerca do significado de alguma palavra, consultem, por meio da indicação do(a) professor(a) um bom dicionário ou um site confiável. Se precisarem de informações sobre algum personagem mitológico, sugerimos fazer a pesquisa no Dicionário da Mitologia Grega e Romana, de Pierre Grimal.

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS EM PEQUENOS GRUPOS

1. Após a leitura dialogada de *Apolo e Dafne*, informem cada parte estrutural dessa narrativa mitológica.
 - a) Situação inicial:
 - b) Conflito:
 - c) Clímax:
 - d) Desfecho:
2. Caracterizem, física e psicologicamente, as personagens Apolo e Dafne, conforme as indicações textuais.
3. Que importância teve a ação de Cupido para a narrativa? Por que o deus do amor agiu dessa forma com o deus Apolo?
4. Tendo em vista sua resposta anterior e os conhecimentos construídos até aqui, reflitam: em que medida os deuses se assemelham aos seres humanos?
5. Interpretem, de acordo com o contexto, os versos “Êmula da casta Febe, comprazia-se ela/ com os recônditos da floresta e com os despojos da caça.”

6. O que os pedidos de Peneu (deus-rio, filho de Oceano e Tétis), pai de Dafne, por um genro e por netos, revelam sobre o que se esperava de uma mulher naquela sociedade e cultura? Essa expectativa dos pais em relação aos filhos ainda ocorre na atualidade? Comentem.
7. Deem uma interpretação possível para a fala de Peneu “Com teu voto contende a tua beleza”? A seguir, relacionem essa interpretação com temáticas e fatos da atualidade.
8. Releiam: “Eu tenho o amor como causa de perseguição”. Agora, respondam, criticamente: Há limites para o amor?
9. Por meio de quais argumentos Apolo tenta demover Dafne? Ele foi bem sucedido em seus intentos?
10. Qual estratégia Apolo passa a adotar para conseguir se aproximar de Dafne?
11. Qual solução Dafne encontra para não se entregar a Apolo e manter-se perpetuamente virgem?
12. Concluam: Dafne, de fato, consegue ficar livre de Apolo? Justifique sua resposta.
13. Representem, por meio de desenhos ou colagens, a metamorfose de Dafne em loureiro.

O mito em quadrinhos

Assistam ao vídeo “*Os curiosos mitos de Apolo*”, transmitido pelo canal *Foca na História*, e deem asas à imaginação! Troquem ideias e comentem as diferenças entre a versão dos mitos apresentada pelo vídeo e a versão de Ovídio.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=nYGMjAYuBMA>.

Propostas de produção de texto escrito

Professor(a), caso haja necessidade, revise ou inicie com seus/suas alunos(as) as características e estrutura dos gêneros textuais sugeridos para esta seção de produção textual.

Sigam a orientação do(a) professor(a), que sorteará uma proposta para cada um dos grupos.

1. Que tal escrever um novo final para Apolo e Dafne? Reelaborem, então, essa nova versão final a partir do momento em que Dafne empalidece (p. 83).

2. Reescrevam a narrativa *Apolo e Dafne* em prosa, contextualizando-a na contemporaneidade, com seus diferentes ambientes (uma cidade grande, uma escola, uma empresa, etc.) e tecnologias, adaptando as características das personagens (estilo, vestuário, linguagem) para a modernidade.
3. Escrevam um diário das emoções de Dafne após sua transformação. Insiram os pensamentos e sentimentos dessa personagem (raiva, vergonha, felicidade, tristeza, frustração, culpa, confiança, gratidão, saudade, etc.), como é comum nesse gênero textual.
4. Imaginem que as ações da narrativa lida estivessem acontecendo na atualidade! A partir dessa hipótese, criem um diálogo digital (WhatsApp ou alguma rede social) entre Apolo e Dafne, retratando o momento da narrativa em que Apolo persegue a ninfa. Tenham atenção às características da linguagem digital para esse tipo de conversa (abreviações, informalidade, uso de emojis, bloqueio, etc.) e às adaptações necessárias ao mundo moderno.
5. Elaborem uma notícia para a seguinte manchete **“Ninfa Dafne transforma-se em árvore para escapar de perseguição divina!”** a fim de ser publicada num JORNAL MITOLÓGICO.

Professor(a), sugerimos apresentar ramos de loureiro aos(às) alunos(as), estimulando-os(as) a sentir o aroma das folhas. Após esse momento, construam uma coroa de louros para exposição na escola. Caso sua escola tenha um espaço adequado (canteiro, jardim, etc.), sugerimos também plantar uma muda de louro, com uma placa contendo a identificação botânica e também com o resumo da narrativa mitológica.

Curiosidades...

O loureiro (*Laurus nobilis*) é uma árvore de folhas perenes (a árvore não fica totalmente sem folhas em nenhuma época do ano), assim como a narrativa mitológica retrata em “... mantém tu também a glória de uma folhagem permanente.”

Δάφνη (dáphni), em grego, é a palavra usada para referir-se ao loureiro ou às folhas de louro.

Outra curiosidade é o fato de a coroa de louros ser um símbolo dos Jogos Olímpicos. Acesse o link para saber mais: [Como campeões eram premiados nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga?](#)

Diálogos com a atualidade

Professor(a), este momento pode ser uma boa oportunidade de trabalhar com os temas transversais, fazendo, inclusive, diálogos interdisciplinares.

Vocês sabiam que há na legislação brasileira uma lei contra o crime de perseguição? Essa lei que tipifica o crime de perseguição, conhecido como *stalking*, é a Lei nº 14.132/2021, que alterou o Código Penal, introduzindo o artigo 147-A, que criminaliza a conduta de perseguir alguém reiteradamente, por qualquer meio, ameaçando sua integridade física ou psicológica, restringindo sua liberdade ou invadindo sua privacidade. A pena para esse crime varia de 6 meses a 2 anos de reclusão, além de multa, e pode ser aumentada em casos específicos, como quando a vítima é mulher, criança, adolescente, idoso, ou quando a perseguição é realizada por duas ou mais pessoas.

Fonte: BRASIL. [Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm). Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 20 ago. 2025.

Atividade final

Leiam a reportagem “**Stalking: como identificar e o que fazer quando se é vítima de perseguição**”, veiculada num jornal de grande circulação, e assistam ao vídeo “**Caminhos da Reportagem | Stalking: crime de perseguição**”. Em seguida, faremos um debate cujo tema será “**Não é não: consentimento e liberdade**”, ressaltando discussões sobre autonomia corporal, consentimento e respeito às decisões individuais.

Acesso aos links:

O infográfico, publicado no site de tecnologia da Globo, aborda o crime de perseguição (stalking). No topo, há uma barra vermelha com o menu 'g1', o título 'TECNOLOGIA' e um campo de busca 'Q BUSCAR'. O conteúdo principal começa com o título 'Como denunciar o 'stalking'' e a definição: 'Crime ocorre quando há ameaça à integridade física e psicológica da vítima'. Abaixo, há uma seção 'Pontos que indicam que alguém está sendo vítima de perseguição:' com uma lista de ícones e descrições: 'Quando há medo de sair de casa', 'Vítima sente a necessidade de mudar a sua rotina', 'É preciso bloquear perfis e números de telefone;', 'Vítima tranca suas contas nas redes sociais' e 'Há tentativas de invadir dispositivos eletrônicos.'. À direita, há uma ilustração de uma mulher preocupada. A seção 'Como denunciar' indica: 'Procurar a delegacia mais próxima ou acessar a delegacia eletrônica para fazer o registro do boletim de ocorrência', acompanhada de uma ilustração de uma delegacia. A seção 'Importante!' afirma: 'Para a polícia prosseguir com uma investigação, a vítima precisa fazer uma representação, que é dizer às autoridades que deseja que o agressor seja processado. Isso pode ser feito em até 6 meses a partir do momento que se sabe quem é o autor do crime.', com uma ilustração de uma mulher falando ao telefone. No rodapé, há o logotipo da Globo e o texto: 'Fonte: Bruna Santos, coordenadora da ONG Data Privacy Brasil e Jacqueline Valadarias da Silva, delegada da Delegacia de Defesa da Mulher em São Paulo. Infográfico elaborado em: 15/07/2021'.

Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/08/12/stalking-como-identificar-e-o-que-fazer-quando-se-e-vitima-de-perseguaao.ghtml> (Acesso em 30 jul.2025)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=Zb-LiL0_eSE (Acesso em 30 jul.2025)

A seguir, faremos a leitura da terceira narrativa mitológica, “Aracne” (Livro V, vv. 1-145).



Não se esqueçam de, durante/e ao final de cada leitura, fazer seus registros no “diário de leituras”. Caso tenham necessidade, consultem os dicionários sugeridos nas atividades anteriores!

Livro VI

[Aracne]

A Tritônia havia escutado aqueles relatos e dera a sua aprovação aos cantos das Aônidas¹ e à sua justa ira. “Não basta louvar”, disse então consigo, “sejamos também nós louvadas. Não consentamos que a nossa divindade seja desdenhada impunemente.” E centrou a atenção no destino da meônida² Aracne, de quem ouvira dizer que não se considerava inferior a si na glória da arte da lã. Não se distinguia esta pela sua pátria nem pela sua gente, era famosa pela sua arte. Seu pai, Ídmon, de Cólofon, tingia a fofa lã com a púrpura da Fócida. Sua mãe havia morrido, mas também ela, como seu marido, pertencia à plebe. Embora nascida de família humilde e habitando na humilde Hipepos, pelo seu esforço, Aracne granjeara nas cidades lídias um nome famoso. Para admirarem a beleza da sua obra, as ninfas abandonavam, frequentemente, os bosques do seu querido Tmolo, abandonavam suas queridas águas as ninfas do Pactolo. E não eram só os vestidos feitos, gostavam também de observá-los enquanto se iam fazendo, tal era a beleza da sua arte! Quer formasse os primeiros novelos da lã ainda virgem, ou com os dedos repuxasse o fio e desemaranhasse a lã, que figurava uma nuvem e que era tirada em floco que se alongava, quer fizesse rolar com polegar ligeiro o torneado fuso, ou bordasse, logo se via que fora Palas que a ensinara.

¹ As Musas do Hélicon, no território dos Aônios.

² Da Lídia, chamada também Meônia.

Ela, porém, nega-o e, ofendida por causa de tão ilustre mestra, desafia: “Que venha competir comigo! Se eu for vencida, nada há que recuse!” Palas disfarça-se de velha, põe nas têmporas falsas cãs, simula membros enfermos, que sustém com um cajado, e começa a falar assim: “Nem tudo o que detestamos pertence à idade avançada. É com os anos maduros que a experiência chega. Não desdenhes do meu conselho. Inolvidável fama no amanhã da lã te busca entre os mortais.

Cede à deusa, temerária, e com voz suplicante pede perdão pelas tuas palavras. Ela vai-te perdoar, se lho rogares.”

Olhando-a com furor, Aracne afastou o fio que puxava e, mal sustendo a mão e deixando transparecer em seu rosto a ira, atalhou a disfarçada deusa com estas palavras:

“Chegas aqui falha de senso e gasta por uma velhice avançada, que muito viver deixa marcas! Ouçam essas palavras a tua nora ou a tua filha, se acaso as tens!

Eu tenho para mim prudência que baste! E não penses que me ajudaste com os teus conselhos! Mantenho a minha decisão. Por que não vem ela em pessoa? Por que evita este desafio?”

Diz então a deusa: “Já veio!” E, despindo o aspecto de velha, assumiu o de Palas. Adoram a divindade as ninfas e as mulheres de Migdônia. Só Aracne é que não teve medo.

Como quer que seja, corou. Um súbito rubor marcou-lhe forçadamente a face e logo se dissipou, tal como o céu costuma ficar cor de púrpura quando a Aurora aparece e, logo depois, quando o sol nasce, vai clareando.

Persiste no seu propósito e, por um estulto desejo de vitória, precipita-se na ruína, pois a filha de Júpiter nem recusa, nem volta a adverti-la, nem sequer adia o desafio.

Logo de imediato colocam as duas, em lugares distintos, teias iguais e armam-nas com fina urdidura.

A teia está presa ao cilindro, uma cana divide a urdidura. Por entre ela, em velozes lançadeiras, passa a trama, que os dedos fazem correr. E, inserida no entrecruzar dos fios, é ferida pelos dentes separados do batente do pente. Uma e a outra se apressam.

E, com os vestidos cingidos ao nível do peito, movimentam habilmente os braços, enquanto a aplicação disfarça o esforço. Ali é tecida não só a púrpura que sentiu o caldeirão tírio, como o são as tênues sombras, separadas por finos matizes, tal como o arco-íris, quando os raios do sol são atingidos pela chuva, costuma colorir em ampla curva a extensão do céu. Embora brilhem nele mil cores diversas, a passagem de uma à outra, contudo, engana os olhos do espectador, a tal ponto são próximas as cores que se tocam e tanto diferem das mais afastadas. Ali também se entrelaça nos fios o dúctil ouro e na teia borda-se uma história antiga.

Palas borda o rochedo de Marte,³ na cidadela de Cécrope, e a antiga disputa sobre o nome do país.⁴

Em nobres tronos sentam-se, com augusta majestade, doze deuses, com Júpiter ao centro. Cada um dos deuses tem fisionomia própria. A de Júpiter é a imagem régia. Ao deus do mar figura-o em pé e a ferir com seu longo tridente a dura rocha, do centro de cuja ferida brota um mar, testemunho com que reclama a cidade.

A si atribui-se um escudo, protege o peito com a égide, mostra que a terra, ferida com a sua lança, faz brotar, perante a admiração dos deuses, o pé de uma oliveira branca, com seus frutos.

O remate da obra é uma Vitória.

E para que a rival da sua glória alcance, pelos exemplos, o prêmio que a espera por tão louca ousadia, nos quatro cantos acrescenta, em cores brilhantes e matizados com pequenas figuras, quatro combates. Um dos cantos tem representados a trácia Ródope e Hemo, hoje montanhas geladas, corpos mortais noutros tempos, que a si se atribuíram os nomes dos sumos deuses.⁵

³ Areópago de Atenas.

⁴ Saber se a cidade ficaria com o nome de Atena ou de Posêidon.

⁵ Hemo, filho de Bóreas e Oritia, era casado com a filha do rio Estrímon, Ródo-

Está representado, num outro, o infeliz destino da mãe pigmeia.
Vencida numa disputa, ordenou Juno que se transformasse
em grou e levasse a guerra a seu povo.⁶
Bordou também Antígona, que um dia ousara competir
com a esposa do grande Júpiter, a quem a régia Juno
transformou em ave. De nada lhe serviu Ílion
nem Laomedonte, seu pai, para que, branca cegonha,
tendo recebido asas, não se aplaudisse a si mesma com o crepitar do bico.
O último canto que resta tem representado Cíniras, sem as filhas.
Abraçando os degraus do templo e os corpos de suas filhas,
e jazendo sobre a pedra, parece derramar lágrimas.⁷
Bordeou as extremidades com ramos da oliveira da paz
(é esse o remate) e concluiu a obra com a sua árvore.

A Meônida representa Europa enganada pela figura do touro.
Julgar-se-ia o touro real e real o mar.
Europa parecia que olhava as terras deixadas para trás,
que gritava pelas companheiras e receava o contato da água,
que ondula, e que timidamente recolhia os pés.
Fez também que Astéria estivesse presa por uma águia, que lutava;
fez que Leda se reclinasse sob as asas de um cisne.
Mostrou como Júpiter, disfarçado na figura de um sátiro,
engravidou a bela Nictéida com dupla gravidez;
como fora Anfitríon quando te seduziu a ti, Tiríntia;
como enganou Dânae sob a forma de ouro, e Asópis na forma de fogo,
a Mnemósina como pastor, como marchetada serpente
enganou a filha de Deo. A ti, Netuno, bordou-te como touro ameaçador
ao lado da filha de Éolo. Disfarçado de Enipeu,⁸

pe. Sendo reis da Trácia, tiveram a ousadia de se deixar cultuar com os nomes de Zeus e Hera. Por castigo, foram transformados em montanhas.

⁶ Gérana, da raça dos Pigmeus, recebia honras divinas e desprezava os deuses. Foi transformada em grou, por castigo, por decisão de Hera.

⁷ Cíniras era rei do Chipre no tempo da guerra de Troia. A passagem da lenda aqui referida não é conhecida.

⁸ Rio da Tessália.

tu geras os Aloídas;⁹ como carneiro, enganas a filha de Bisáltide;¹⁰ a de louros cabelos, a doce mãe das searas, sentiu-te sob a forma de um cavalo; como ave te sentiu a de cabeleira de serpentes, a mãe do cavalo voador; como golfinho te sentiu Melanto.¹¹ Em cada um destes reproduziu a sua feição e a do lugar. Ali está Febo na figura de um camponês, e como ostentou, ora asas de falcão, ora dorso de leão; e como, enquanto pastor, enganou Issa,¹² a filha de Macareu; como Líber enganou Erígone¹³ com fingidas uvas; como Saturno, na figura de um cavalo, gerou o dúplice Quíron. A última parte da teia, bordejada por fina franja, ostenta flores entretecidas com heras entrelaçadas.

Nem Palas nem a Inveja poderiam pôr defeito naquela obra. A loura heroína ficou fora de si com o resultado, fez em pedaços os vestidos bordados com os crimes dos deuses e, com a lançadeira do monte Citoro, que tinha à mão, bateu três ou quatro vezes na fronte da filha de Ídmon, Aracne. Orgulhosa, a infeliz não aguentou e atou um laço ao pescoço. Compadecida, Palas susteve-a, quando já estava suspensa, e falou-lhe assim: “Vive, todavia, mas vive suspensa, malvada. E, para não teres esperança no futuro, seja a mesma pena decretada para tua família e teus mais remotos descendentes.” Depois, ao partir, aspergiu-a com a seiva da erva de Hécate. Ao serem atingidos pela sinistra peçonha, os cabelos caíram e, com eles, caíram o nariz e as orelhas, a cabeça reduziu-se-lhe, e todo o corpo ficou diminuto.

⁹ Oto e Efiates eram filhos de Posêidon/Netuno e de Ifimedia, a filha de Tríopas casada com Aloeu.

¹⁰ Teófane, heroína trácia, de quem Posêidon se enamorou. Para a ocultar aos muitos pretendentes, transformou-a em ovelha, tendo ele se transformado em carneiro.

¹¹ Filha de Deucalião, concebeu de Posêidon, debaixo da figura de delfim, o herói epônimo de Delfos, Delfo.

¹² Jovem de Lesbos, que deu o nome à ilha de Issa.

¹³ Filha do ateniense Icário, que deu guarida a Dioniso.

Em lugar de pernas, pendem lateralmente uns mirrados dedos.
Tudo o mais é ventre, de onde, contudo, desprende ela um fio.
E, sendo ela aranha, vai tecendo as antigas teias.

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS EM PEQUENOS GRUPOS

Após a leitura protocolada de “Aracne”, realizem as atividades seguintes.

1. Com o auxílio da internet e/ou dos dicionários sugeridos, relacionem o sentido das expressões abaixo conforme o contexto da narrativa lida.
 - a. Tritônia: insensato, sem bom discernimento
 - b. Granjear: cabelos brancos
 - c. Figurar: pouco desenvolvidos, pequenos
 - d. Têmporas: áreas localizadas lateralmente aos olhos
 - e. Cãs: que não pode ser esquecido
 - f. Inolvidável: diminuir o caminho por meio de um desvio ou atalho
 - g. Amanho: um dos títulos da deusa Minerva (Atena)
 - h. Atalhar: decorado, ornamentado
 - i. Estulto: representar a imagem, o contorno de
 - j. Marchetada: arte ou técnica de cultivar
 - k. Mirrados: adquirir algo com esforço, trabalho e dedicação
2. De acordo com o texto, a que era devida a fama de Aracne?
3. Qual conflito se estabelece entre Palas e Aracne?
4. Caracterizem psicologicamente as personagens principais dessa narrativa.
5. Para vocês, qual foi a verdadeira intenção de Palas ao se disfarçar de uma velha senhora?
6. O que cada uma das personagens retrata em suas obras de tecido? Por que fazem isso?

7. Qual a intenção de Palas ao representar nos cantos de seu tecido as histórias de Ródope e Hemo, da mãe pigmeia, de Antígona e de Cíniras?
8. Na sua opinião, quem venceu o desafio? Justifiquem sua resposta com argumentos coerentes.
9. Qual a metamorfose sofrida por Aracne ao final? Essa transformação retira de Aracne seu talento para a tecelagem?
10. De acordo com o *Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina*, de Paul Harvey, *Hybris* é um conceito grego que se refere a tudo aquilo que ultrapassa a justa medida das coisas, uma espécie de descomedimento; o termo alude também a uma autoconfiança excessiva, um orgulho exagerado, presunção, arrogância ou insolência (originalmente contra os deuses), que frequentemente termina sendo punida. Na Antiguidade greco-latina, referia-se também a um desprezo pelo espaço pessoal alheio, unido à falta de controle sobre os próprios impulsos.

A partir da definição acima, relacionem o conceito de *hybris* ao comportamento de Aracne e à punição imposta a ela.

O mito em quadrinhos

Assistam ao vídeo *Aracne e Atena*, transmitido pelo canal *Foca na História*. Vocês percebem diferenças entre essa narrativa e a de Ovídio? Comentem.
Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=-mlkdfAHWsg>.

Produção de texto escrito: roteiro de entrevista

Suponham que vocês tenham um canal de entrevistas na internet e possam fazer uma entrevista com Aracne ou Minerva. Escolham a personagem para a entrevista e elaborem um roteiro com perguntas relevantes sobre uma dessas personagens. Não se esqueçam de fazer a apresentação da entrevistada, de elencar as perguntas e de dar um encerramento à entrevista!

Produção de textos orais:

Escolham, sob a orientação do(a) professor(a), uma das propostas de produção de texto oral para a participação conjunta de toda a turma.

Sugestão 1: Debate regrado

Tema: Orgulho ou injustiça?

Dividam-se em dois grupos a fim de realizarmos um debate baseado na história de Aracne.

Definam, juntamente com o(a) professor(a), as regras sobre tempo de fala, direito de réplica, tréplica e comportamento durante o debate. Definam quem será o(a) mediador(a) e as 5 pessoas para serem os jurados.

Preparem seus argumentos de modo coerente com a narrativa e respeitem o turno de fala de cada pessoa.

Grupo A: Aracne foi orgulhosa e mereceu a punição.

Grupo B: Minerva agiu com injustiça e não soube lidar com o talento humano.

Sugestão 2: Júri simulado

1. Escolha do caso: A transformação de Aracne em aranha foi um castigo justo ou desproporcional?
2. Definição das funções: 1 juiz(a), 1 escrivão(ã), 2 advogados(as) de defesa, 2 advogados(as) de acusação, 19 jurado(as).
3. Preparação: Os(As) advogados(as) devem pesquisar sobre o caso, elaborar os argumentos e ensaiar suas apresentações.
4. Etapas do júri simulado:

Abertura: O juiz inicia a sessão, explicando o caso e as regras do julgamento.

Instrução: Exposição geral da acusação e da defesa. (5 min. para cada parte)

Debates: As partes (acusação e defesa) apresentam seus argumentos finais, com réplica e tréplica (15 min. para cada parte).

Julgamento: O júri se reúne em uma sala secreta para decidir sobre o caso, por maioria de votos.

Sentença: O juiz lê a sentença, estipula a pena e encerra a sessão.

O júri pode decidir por um veredicto de culpa ou inocência para cada personagem (Aracne e Minerva) ou pode optar por um veredicto de "culpada com atenuantes".

Momento de encenar!

Que tal a turma, com o auxílio do(a) professor(a), escolher um momento da narrativa de Aracne e fazer um esquete? Para isso, leiam o box seguinte e sigam as orientações.

Esquete é uma peça teatral, cena ou atuação dramática de curta duração, que vai de poucos segundos a alguns minutos, geralmente de caráter cômico. O esquete pode ocorrer em diferentes ambientes e mídias, como no teatro, na televisão, no cinema e na rádio, muitas vezes com um número pequeno de atores.

Orientações:

- definam as atividades: quais alunos(as) farão a adaptação do texto? Quais encenarão? Quais ficarão responsáveis pelo figurino? Quem será o(a) diretor(a)?;
- elaborem as falas numa linguagem adequada ao gênero e à situação comunicativa;
- caracterizem as personagens;
- ensaiem a apresentação, focando na expressão corporal, nas trocas de olhares, na qualidade do som vocal.

Faremos agora a leitura da última narrativa mitológica, “Dédalo e Ícaro” (Livro VIII, vv. 183-235).



Não se esqueçam de, durante/e ao final de cada leitura, fazer seus registros no “diário de leituras”. Caso tenham necessidade, consultem os dicionários sugeridos nas atividades anteriores!

ATIVIDADES PARA SEREM FEITAS EM PEQUENOS GRUPOS

A seguir, faremos a leitura protocolada de “Dédalo e Ícaro”.

[Dédalo e Ícaro]

Entretanto Dédalo, saturado de Creta e do longo exílio e mordido de saudade da terra natal, estava rodeado de mar. “Embora Minos me barre o caminho por terra e por mar”, diz, “aberto fica-me o céu. É por aí que eu irei! Seja de tudo senhor, não há de sê-lo do ar.” Depois de assim falar, entregou-se a artes desconhecidas então e inova a natureza. Dispõe as penas em filas, começando pelas mais pequenas, seguindo-se à mais curta a mais comprida, de modo a parecer que crescem em declive tal como vai crescendo com canas desiguais a flauta rústica. Ata-as a meio com um fio, liga-as na base com cera e, assim dispostas, flecte-as em suave curva de modo a imitarem aves autênticas. Junto dele estava um jovem, Ícaro, desconhecendo que dava forma a seus perigos. De face risonha, ora tentava agarrar as penas, que a passageira brisa agitava, ora com o polegar amaciava a dourada cera, atrasando com suas brincadeiras o labor do pai. Depois de dar à obra o último retoque, o próprio artífice balanceou seu corpo em ambas as asas e ficou suspenso no ar que agitava. Instruiu também o filho, dizendo-lhe: “Aconselho-te, Ícaro, a que voes a meia altura, não vá a água, se fores mais baixo, tornar-te as asas pesadas, ou queimar-tas o fogo, se voares mais alto. Voa entre um ponto e o outro. Não fixes o Boieiro, nem Hélice, nem a espada desembainhada de Órion, aconselho-te. Segue sempre atrás de mim.” Enquanto lhe dá as instruções de voo, adapta-lhe aos ombros as estranhas asas. A meio da obra e das advertências, na velha face deslizaram lágrimas e as paternas mãos tremeram. Deu a seu filho beijos que não mais daria e, elevando-se com o bater das asas, toma a dianteira do voo, temeroso pelo companheiro, qual ave que do alto ninho lança no espaço o filho inexperiente, exorta-o a segui-lo e dá-lhe instruções sobre a pernicioso arte.

Enquanto se volta a olhar as do filho, bate ele suas asas.
O pescador que segurava a instável cana, ou o pastor
apoiado no cajado, ou o lavrador à rabiça do arado, ao vê-los,
ficam maravilhados e, uma vez que podiam sobrevoar os ares,
acreditaram que eles eram deuses. Tinham já Samos,
a ilha de Juno, à esquerda (para trás ficaram Delos e Paros),
tinham à direita Lebinto e Calimne, rica em mel,
quando o jovem começou a comprazer-se com a audácia do voo.
Abandonou o guia e, atraído pela voragem do céu,
buscou caminho mais alto. A proximidade do Sol
amolece a aromática cera que ligava as penas.
A cera começa a fundir-se. Ícaro bate os braços desnudos,
mas, sem o batimento das asas, não há ar
a que se prenda. A sua boca, que gritava o nome do pai,
é acolhida pelas azuladas águas que dele tomam o nome.
Seu infeliz pai, que já pai não é, clama:
“Ícaro! Ícaro! Onde estás? Onde posso procurar-te?
Ícaro!”, gritava. Viu nas águas as penas,
amaldiçoou suas artes e deu à terra o corpo do filho.
Do nome do sepultado tirou essa terra o seu.

Professor(a), como esta narrativa já começa com Dédalo exilado em Creta, é importante contextualizar a história dessa personagem em relação ao seu ofício, à construção do labirinto que aprisionou o Minotauro e à própria prisão de Dédalo e Ícaro pelo rei Minos.

1. Façam, após a leitura dialogada da narrativa, um mapa mental dela contendo as ações principais apresentadas. Em sequência, a partir do mapa mental, elaborem um resumo da narrativa em um parágrafo, respeitando a sequência dos fatos e as ideias principais do texto.
2. Caracterizem psicologicamente as personagens principais dessa narrativa.
3. Retomem o conceito de *hybris*, trabalhado na atividade anterior referente ao texto “Aracne”, e respondam: como a *hybris* pode ser percebida na narrativa “Dédalo e Ícaro”?
4. Refletindo sobre liberdade individual e responsabilidade coletiva, respondam:
 - a) Ícaro pensou apenas em si? Qual o impacto da atitude de Ícaro sobre seu pai, Dédalo?

- b) Como equilibrar desejos pessoais e responsabilidades com o outro?
5. Escolham um dos provérbios abaixo que possa se relacionar a um ensinamento que o texto mitológico lido nos transmite. A seguir, expliquem a relação estabelecida entre o provérbio escolhido e o mito.

Provérbios:

- () A arrogância precede a queda.
() Quem tudo quer, tudo perde.
() Nem tanto ao mar, nem tanto à terra.
() Devagar com o andar, que o santo é de barro.

Relação com o mito:

6. Façam, com o auxílio da internet e/ou dos dicionários sugeridos nas etapas anteriores, um glossário mitológico que possa ser incluído ao final da narrativa *Dédalo e Ícaro*.

Para criar um glossário mitológico, comecem selecionando os termos relacionados à mitologia que desejam incluir, organizem-nos em ordem alfabética, com informações claras e concisas. Utilizem fontes confiáveis para garantir a precisão das informações e revisem o glossário cuidadosamente.

Sugestão do passo a passo:

1. Seleção dos termos:

Incluam, de acordo com o texto lido, nomes de deuses, heróis, criaturas e personagens míticos, lugares, eventos importantes e conceitos mitológicos. Evitem explicações longas e optem por definições claras e diretas.

2. Redação:

- **Linguagem clara:** utilizem uma linguagem acessível e evitem termos técnicos excessivamente complexos. Revisem a ortografia e os aspectos gramaticais.
- **Informações essenciais:** incluam apenas os dados mais relevantes para cada termo.

3. Interatividade:

- Caso desejem criar um glossário online, considerem adicionar links para outras páginas com mais informações sobre os termos. Em alguns casos, as imagens podem complementar as definições e tornar o glossário mais atraente (Caso optem por esse pelo modelo, combinem com o(a) professor(a) o meio pelo qual possamos acessá-lo).

O mito em quadrinhos

Assistam ao vídeo “O voo de Ícaro e Dédalo”, transmitido pelo canal *Foca na História*. Vocês percebem diferenças entre essa narrativa e a de Ovídio? Comentem.

Link para acesso: <https://youtu.be/xVncF5dGoUI?si=Q7GmZAlSrSBXIP-b>.

Produção de texto escrito: redijam uma carta póstuma de Ícaro, já no Hades, a Dédalo, seu pai.

Numa carta hipotética, Ícaro poderia expressar arrependimento pela sua imprudência, mas também a maravilha que sentiu ao voar, a sua incompreensão dos conselhos do pai e o seu anseio pela liberdade. Ele lamentaria o seu próprio desfecho e a dor que causou ao pai? Partilharia sua experiência transcendental do voo?

Estrutura esperada para esta carta:

Saudação;

Corpo do texto;

Despedida e assinatura.

Professor(a), aproveite este momento para apresentar à turma a obra Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, em que o narrador-personagem, um “defunto-autor”, conta sua própria morte e, em retrospecto, narra os principais momentos de sua vida: seus amores, seu relacionamento com o pai, com um amigo, etc. Sugerimos fazer a leitura de um trecho dessa obra antes de ser feita a carta póstuma de Ícaro.

Produção de texto oral:

Cada grupo ficará responsável por um dos temas abaixo, relacionados à narrativa lida. Em seguida, a partir das perguntas-guia, os integrantes do grupo farão a discussão do tema selecionado e, ao final, realizaremos uma roda de conversa em que todos(as) poderão se expressar.

Tema 1: Relação entre liberdade e limites

O que significa ser livre de verdade?

A liberdade deve ter limites? Por quê?

Vocês já viveram uma situação em que a busca por liberdade lhes trouxe riscos?

Tema 2: Obediência x desobediência e suas consequências

Ícaro deveria ter seguido estritamente os conselhos do pai?

O que a desobediência revela: imprudência ou desejo legítimo de experimentar?

Em que situações a desobediência pode ser positiva?

É sempre correto seguir conselhos de pais, professores ou autoridades?

Tema 3: Hybris (excesso, orgulho desmedido)

O mito pode ser interpretado como um alerta contra a arrogância e o excesso?

O que levou Ícaro a voar mais alto do que deveria?

Vocês conhecem histórias reais semelhantes à de Ícaro? Pensem em exemplos de pessoas que “voaram alto demais”.

Tema 4: O papel dos pais e dos mestres

Dédalo, como pai e inventor, falhou ao dar asas tão perigosas a Ícaro?

Dédalo foi responsável pela queda de Ícaro ao criar as asas?

Até que ponto os pais e mestres são responsáveis pelos erros dos mais jovens?

Como equilibrar a proteção e a autonomia dos filhos/alunos?

Tema 5: Tecnologia e seus perigos

As asas construídas por Dédalo podem simbolizar a ciência/tecnologia. Quais riscos acompanhavam a invenção de Dédalo?

Quais paralelos podem ser feitos com invenções modernas (aviões, inteligência artificial, energia nuclear), com seus benefícios e malefícios?

Os avanços tecnológicos são sempre positivos?

Tema 6: Sonhos e limites humanos

Qual a diferença entre sonhar grande e ser inconsequente?

Até que ponto devemos perseguir nossos sonhos, mesmo que pareçam perigosos?

Qual a diferença entre coragem e imprudência?

O mito ensina a sonhar menos ou a sonhar com mais responsabilidade?

Etapa de compartilhamento: a gincana mitológica

Tendo o objetivo de construir e consolidar as aprendizagens de forma mais lúdica e socializá-las, estimulando a cooperação, a integração e também favorecendo a expressão linguística e artística dos estudantes, sugerimos que seja feita uma gincana mitológica, como culminância das atividades de letramento literário.

Cada tarefa tem uma pontuação estabelecida, a qual será atribuída apenas se a atividade for totalmente concluída e corresponder ao que for solicitado. O valor máximo de pontuação será de 150 pontos, sendo a equipe vencedora aquela que totalizar a maior pontuação. Sugerimos que a equipe vencedora receba, como prêmio, uma cesta de livros literários.

As tarefas de número 1 a 10 podem ser avaliadas pelo professor-pesquisador, responsável pelo projeto, e a tarefa 11 (jogo de tabuleiro) pode ser avaliada por uma comissão formada por outros professores e profissionais da escola. Para esta etapa final, sugerimos cerca de 18 aulas de 50 min.

Professor(a), caso sua turma não conheça algum dos gêneros textuais solicitados na gincana, sugerimos a sua apresentação e didatização.

ATIVIDADES

1. Criação de um poema acróstico (composição poética em que as letras iniciais, intermédias ou finais de cada verso formam uma palavra ou frase na vertical) inspirado em uma das narrativas mitológicas lidas ou na biografia do autor Ovídio. (10 pontos)
2. Produção de mímica a respeito de uma das personagens mitológicas presentes nas narrativas estudadas. (10 pontos)
3. Apresentação de três palavras da língua portuguesa (ou três expressões) relacionadas a mitos greco-latinos. É necessário indicar as palavras ou expressões e explicar a que mitos elas se referem. (10 pontos)
4. Indicação de uma obra cultural (escultura, pintura, música, poema, romance, filme, peça teatral, jogo, etc.) que estabeleça diálogo com uma das narrativas mitológicas estudadas ou faça referência direta a ela. (10 pontos)
5. Elaboração de uma charada sobre mitologia greco-latina. É necessário apresentar a resposta ao professor! (10 pontos)
6. Produção de uma pintura, desenho ou escultura inspirados em um dos mitos estudados. (Esta produção pode ser feita em casa.) (15 pontos)

7. Criação de um meme com tema mitológico clássico. (10 pontos)
8. Organização da narrativa “*Píramo e Tisbe*” na ordem correta. (Vocês receberão o texto “fatiado”, fora de ordem, e terão que remontá-lo para que ele faça sentido). (10 pontos)
9. Indicação do nome de uma peça de Shakespeare que dialoga com a narrativa *Píramo e Tisbe*. (10 pontos)
10. Produção de um anúncio publicitário incentivando a leitura das *Metamorfoses* de Ovídio. (15 pontos)
11. Confeção de um jogo de tabuleiro mitológico. (1º lugar: 40 pontos; 2º lugar: 35 pontos; 3º lugar: 30 pontos; 4º ao 6º lugar: 25 pontos)

Crterios de avaliao do jogo: esttica, presena de regra do jogo coesa e coerente, jogabilidade e adequao à temtica do projeto.

Finalizando o percurso

Chegamos ao final de nossa prtica literria visando ao desenvolvimento de competncias lingusticas e literrias a partir da obra *Metamorfoses*, esperando que as atividades propostas neste caderno pedaggico possam ter auxiliado voc, leitor ou leitora, nas suas atividades docentes e nos seus estudos acadmico-cientficos. Ressaltamos que as atividades aqui propostas podem ser reestruturadas conforme as necessidades e particularidades de cada turma com a qual nossa seqncia seja trabalhada. Muito obrigado!

Referências

- BRASIL. [Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940](#). Código Penal. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm>. Acesso em 20 ago. 2025.
- BUSNEL, François. **Grandes Mitos Gregos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-1nqbN3aLWI>. Acesso em: 03 mar. 2026.
- BUSNEL, François. **Prometeu: O rebelde do Olimpo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OWY4PxmexV8>. Acesso em: 03 mar. 2026.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2009.
- COSSON, R. As práticas da leitura literária. In: **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.
- HASEGAWA, Alexandre. **Metamorfoses, de Ovídio**. YouTube, 22 abr. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2znAMWHXzTI>. Acesso em 20 abr. 2025.
- HARVEY, Paul. **Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Marcos Bagno e Marcos Marcionilo, tradutores. – São Paulo, Parábola, 2012.
- OVÍDIO (Publius Ovidius Naso). **Metamorfoses**. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias; apresentação de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2017.
- MACHADO, Ana Maria. **Histórias greco-romanas**. São Paulo: FTD, 2011. p.36-43.
- PAULINO, Graça. **Formação de leitores: a questão dos cânones literários**. In: Revista Portuguesa de Educação, v. 17, n. 1, Braga, 2004.
- PAULINO, Graça. **Das Leituras ao Letramento Literário**. FaE/UFMG e EDGUFPe, 2010.
- Prandi, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**. São Paulo, 2001.

SCHON, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, Antônio. **Os professores e sua formação**. Dom Quixote, Lisboa, 1992.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**; tradução: Claudia Schilling; revisão técnica: Maria da Graça Souza Horn. – 6. ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. (Tradução de João Batista Krauch). 4.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

VERCILLO, Jorge. **A face de Narciso**. YouTube, 20 maio. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HFFvg3hxq88&pp=0gcJCdgAo7VqN5tD>. Acesso em 03 mar. 2026.

<https://brasilecola.uol.com.br/fisica/eco.htm> (Acesso em 23 jun. 2025).

